

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Nuno Coelho direção musical
Eduarda Melo soprano

25 out 2024 · 21:00 Sala Suggia

ANO DE PORTUGAL



casa da música

MECENAS


Cerealis



Entrevista a Eduarda Melo

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Gustav Mahler

Sinfonia n.º 4 em Sol maior (1899-1900; c. 55min)

1. Bedächtig. Nicht eilen [Ponderado. Sem apressar]
2. In gemächlicher Bewegung. Ohne Hast [Num andamento tranquilo. Sem pressa.]
3. Ruhvoll. (Poco adagio) [Calmo]
4. Sehr behaglich [Muito cómodo]*

*Poema original e tradução nas páginas 4 e 5.

Gustav Mahler

KALISTE, 1860 – VIENA, 1911

A **Quarta Sinfonia** conclui o ciclo das “sinfonias d’A *Trompa Mágica do Rapaz*”, nas quais Mahler utilizou textos provenientes de uma colectânea de poesia popular alemã, de autores anónimos, organizada e publicada entre 1805 e 1808, por Achim von Arnim e Clemens Brentano — um livro que, nas palavras de Goethe, “é obrigatório ter em casa”. Leu-a atentamente em 1888, e foi a partir dessa data que começou a escrever canções com acompanhamento de piano sobre poemas daí extraídos. No total, compôs vinte e quatro canções sobre poemas da *Trompa Mágica*, três das quais vieram a dar forma a andamentos inteiros da Segunda, Terceira e Quarta sinfonias. De acordo com Mahler, só com esta última é que as anteriores adquirem verdadeiro sentido, e o conjunto das quatro primeiras sinfonias deve ser entendido como uma tetralogia perfeita. Dentro deste plano geral, a Quarta Sinfonia é não só a última do ciclo, como representa simbolicamente o seu verdadeiro fim. Na Primeira Sinfonia encontramos a natureza primordial, habitada por um herói que acabará por morrer; na Segunda acompanhamos o processo de resgate desse herói do mundo dos mortos para uma ressurreição poderosa; na Terceira, através de uma imersão radical na paisagem e fauna dos lagos e bosques do Tirol, e seguindo a “arquitectura do mundo” de Schopenhauer, passamos pela natureza inorgânica, pela Flora, pela Fauna, pelo Homem e pelos Anjos, até alcançar o Amor, antes de assistirmos (na Quarta Sinfonia) à passagem da vida terrena para a vida celestial — cheia de anjos, santos e... crianças.

Inicialmente pensado como o sétimo andamento da Terceira Sinfonia, o *finale* da Quarta

(“A Vida Celestial”) foi o primeiro a ser escrito, tendo funcionando como fonte de inspiração temática e motívica para os precedentes. Deste modo, o centro da sinfonia encontra-se no último andamento, que consiste no Lied *Das himmlische Leben* (“A Vida Celestial”), composto originariamente em 1892 para piano e canto. Este Lied, com o subtítulo “Canção popular da Baviera”, tem um carácter algo infantil e, nas palavras da então namorada de Mahler, Natalie Bauer-Lechner, “é uma criança que vem explicar, no fim da sinfonia, tudo o que antes se passou”. Não por acaso, muitos maestros substituem a soprano de voz perfeitamente desenvolvida por uma menina ou um menino com registo agudo, compensando a perda de qualidade vocal com o ganho enorme de força comunicativa. A imagem idealizada de um mundo longínquo, pacífico, sem problemas existenciais e de religiosidade pueril cresce através do sonho infantil: o quarto andamento evoca uma paisagem interior plena de dança, canto, brincadeiras, alimentação bíblica (espargos, pão, vinho, maçãs, pêras, uvas, veado e lebre) e invocação de vários santos: S. Pedro, S. Lucas, Santa Marta, Santa Úrsula e Santa Cecília. Todo este material ingénuo e inocente é unificado por uma música delicada, sensível e muito moderada. Mahler prescinde da orquestra gigantesca das sinfonias precedentes, elimina totalmente os trombones e reduz as madeiras. A escrita é também mais transparente, com frases mais curtas e mais directas. A oposição entre celestial e terreno, entre inocência e experiência, é uma das chaves de leitura possíveis para esta sinfonia. Neste sentido funciona também o uso da tonalidade: Sol maior (a tonalidade *oficial* da quarta sinfonia) representa a vida terrena, enquanto Mi maior (a tonalidade platónica, com a qual a sinfonia efectivamente se conclui — com um longo mi natural dos contrabaixos) é a

figuração do Paraíso. Que este Paraíso é uma visão inalcançável demonstra-o claramente a terceira estrofe do poema, que recorda Herodes e o sacrifício dos inocentes. Para Mahler, o Paraíso deve, mais do que inalcançável, permanecer um “mistério”.

O primeiro andamento abre todo o edifício da Quarta Sinfonia com campainhas apoiadas pelas flautas (Adorno refere-se a esta sonoridade como uma alusão à demência) — uma sonoridade que regressará constantemente em pontos estruturais da sinfonia. Após três compassos entram então as cordas com o primeiro tema, cujos contorno melódico e acompanhamento em *pizzicato* deixam pensar nos grandes autores clássicos — Haydn e Mozart. Mas também a nível formal a Quarta Sinfonia é a mais *clássica* de Mahler, com nítidas separações entre *exposição*, *desenvolvimento* e *reexposição*. Um aspecto, porém, que se opõe a esta ideia de regresso a Haydn é a inserção de melodias de lavradores (as famosas *Jodl-Melodien* da Heidi), de uma marcha, de extensas linhas melódicas nos violoncelos e nos oboés, bem como a constante invasão de canções infantis. Todo este material simboliza a Terra e o carácter terreno da existência.

O segundo andamento é uma espécie de *danse macabre*, com um violino solo afinado um tom acima do normal e que deve soar “wie ein Fidel” — como uma rabeca. Para Bruno Walter, é a Morte quem toca esta rabeca, levando-nos matreiramente, em sucessivas tentativas alternadas por episódios idílicos, para o céu. O Trio — introduzido pelos trompetes — dá-nos uma primeira visão da *Vida Celestial*.

O terceiro andamento é um dos mais belos andamentos lentos de todo o repertório sinfónico, construído sobre dois temas em forma de variação, assim configurando uma dupla-variação, uma técnica tipicamente

beethoveniana. O primeiro tema, acompanhado em *pizzicato* pelos contrabaixos, cheio de serena majestade, evoca melancolicamente um tempo perdido. O segundo, introduzido pelos oboés, recorda dolorosamente os *Kindertotenlieder* (“Canções sobre a Morte das Crianças”) e através deles o carácter absurdo e trágico da existência. Os dois temas progressivamente variados vão acumulando energia e acelerando o *tempo* até se alcançar o clímax: primeiro todos os violinos, depois os trompetes e as trompas articulam o início do *Lied Wunderhorn*, em agitadas vagas de arpejos e escalas em Mi maior — a verdadeira tonalidade (sobre-humana) desta sinfonia. Segue-se o retorno ao humano Sol maior, para o andamento se concluir num *morendo* enigmático.

O quarto andamento, razão de ser de toda a sinfonia, deleita-se na representação musical duma Vida Celestial vista por uma inocente criança. No dizer de Bruno Walter: “Quando o Homem se questiona sobre o significado de tudo isto [os andamentos anteriores], eis que uma criança lhe responde com o quarto andamento, dizendo-lhe: isto é a vida celestial!”. Comer, beber, fazer música e dançar de manhã até à noite, sob o olhar sereno de S. Pedro; S. João traz um cordeiro para Herodes sacrificar, enquanto S. Lucas mata um boi e os anjos cozem o pão. No Céu há abundância de alimentos, de especiarias, de frutos e de carnes: S. Pedro vai aos ribeiros celestiais procurar peixes e Sta. Marta, a cozinheira, prepara as refeições. Nenhuma música terrena se pode comparar à celestial e onze mil virgens dançam ao som da música de Sta. Cecília. Com o fim da *sinfonia celestial* acaba também o último sonho de ingénua inocência pueril de todo o repertório sinfónico romântico.

PAULO DE ASSIS, 2011

O autor não aplicou o Acordo Ortográfico de 1990.

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 4, Quarto andamento

*Das himmlische Leben
(Des Knaben Wunderhorn)*

*Wir genießen die himmlischen Freuden,
d'rum tun wir das Irdische meiden.
Kein weltlich' Getümmel
hört man nicht im Himmel!
Lebt alles in sanftester Ruh'!
Wir führen ein englisches Leben,
sind dennoch ganz lustig daneben!
Wir führen ein englisches Leben,
wir tanzen und springen,
wir hüpfen und singen!
Sanct Peter im Himmel sieht zu!*

*Johannes das Lämmlein auslasset,
der Metzger Herodes drauf passet!
Wir führen ein geduldig's,
unschuldig's, geduldig's,
ein liebliches Lämmlein zu Tod!
Sanct Lukas der Ochsen tät schlachten
ohn' einig's Bedenken und Achten,
der Wein kost' kein' Heller
im himmlischen Keller,
die Englein, die backen das Brot.*

A Vida Celestial
(A Trompa Mágica do Rapaz)

Desfrutamos dos prazeres celestes,
por isso evitamos os terrestres.
O rebuliço mundano
não se ouve no céu!
Tudo vive na mais doce paz!
Vivemos uma vida angélica,
mesmo assim somos bem alegres!
Vivemos uma vida angélica,
dançamos e saltamos,
pulamos e cantamos!
Lá do céu São Pedro observa!

São João deixa sair o seu cordeiro,
sob o olhar de Herodes o açougueiro!
Conduzimos esse paciente,
esse inocente e paciente
doce cordeirinho à morte!
São Lucas abate os bois
sem qualquer remorso depois.
O vinho não custa um vintém
aqui no céu, no armazém,
e os anjos cozem o pão.

*Gut' Kräuter von allerhand Arten,
die wachsen im himmlischen Garten!
Gut' Spargel, Fisolen
und was wir nur wollen!
Ganze Schüsseln voll sind uns bereit!
Gut' Äpfel, gut' Birn und gut' Trauben!
Die Gärtner, die alles erlauben!
Willst Rehbock, willst Hasen,
auf offener Straßen
Sie laufen herbei!
Sollt ein Fasttag etwa kommen,
alle Fische gleich mit Freuden angeschwommen!
Dort läuft schön Sanct Peter
mit Netz und mit Köder
zum himmlischen Weiher hinein.
Sanct Martha die Köchin muss sein!*

*Kein Musik ist ja nicht auf Erden,
die uns'rer verglichen kann werden.
Elftausend Jungfrauen
Zu tanzen sich trauen!
Sanct Ursula selbst dazu lacht!
Kein Musik ist ja nicht auf Erden,
Die uns'rer verglichen kann werden.
Cäcilia mit ihren Verwandten
sind treffliche Hofmusikanten!
Die englischen Stimmen
ermuntern die Sinnen,
dass alles für Freuden erwacht.*

Belas e variadas verduras
crescem no jardim celestial!
Feijões e espargos com fartura,
e tudo o que desejarmos!
Fartos pratos lá nos esperam!
Boas maçãs, uvas, peras!
Os jardineiros tudo oferecem!
Queres corço ou coelho,
a céu aberto
todos aqui passam!
Se de jejum for o dia,
Lá virão os peixes com alegria!
Lá vai o São Pedro
com rede e isco,
até ao lago celestial,
para os peixes Santa Marta cozinhar.

Na terra não há música que possa
comparar-se cá em cima à nossa.
Onze milhares de virgens
dançando de dar vertigens!
Até mesmo Santa Úrsula se ri!
Na terra não há música que possa
comparar-se cá em cima à nossa.
Cecília e os seus parentes
são músicos excelentes!
As vozes angelicais
animam os sentidos,
despertando todos para a alegria.

Nuno Coelho direção musical

Nuno Coelho assumiu o seu mandato como maestro principal e diretor artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias em outubro de 2022. Além de concertos em Oviedo, na temporada 2023/24 dirigiu pela primeira vez a hr-Sinfonieorchester de Frankfurt, a Sinfónica de São Paulo, a Orquestra Nacional de Espanha em Madrid e a Filarmónica Real de Liège, além de regressar à Filarmónica do Luxemburgo e à Orquestra Gulbenkian.

Nas duas temporadas anteriores, dirigiu a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Dresden, a Orquestra Estatal de Hanôver, a Sinfónica de Gavle, a Sinfónica de Malmö, a Residentie Orkest, a Filarmónica de Estrasburgo, a Sinfónica da Galiza, a Filarmónica de Tampere e as Sinfónicas de Antuérpia e de Barcelona. No campo operático, esteve à frente de orquestras em produções de *La Traviata*, *Cavalleria Rusticana*, *Rusalka* e *Manon*. Em novembro de 2022, dirigiu a sua própria produção de *Don Giovanni* segundo a obra de José Saramago, na Gulbenkian, tendo na temporada anterior trabalhado numa versão semiencenada de *Così fan tutte*.

Nuno Coelho venceu a edição de 2017 do Concurso Internacional de Maestros da Orquestra de Cadaqués e, desde então, dirigiu a Filarmónica Real de Liverpool, a Filarmónica da BBC, a Sinfónica de Hamburgo, a Sinfónica de Castela e Leão, a Noord Nederlands Orkest e a Orquestra do Teatro Régio de Turim. Foi *Dudamel fellow* da Filarmónica de Los Angeles em 2018/19. Nessa mesma temporada, substituiu Bernard Haitink naquela que foi a sua estreia com a Orquestra Sinfónica da Rádio Bávara.

Natural do Porto, Nuno Coelho estudou direção de orquestra na Universidade das Artes de Zurique, com Johannes Schlaefli, e venceu o Prémio Neeme Järvi no Festival Gstaad Menuhin. Em 2015, foi aceite no Dirigentenforum do Centro Alemão para a Música e, nos dois anos seguintes, foi em simultâneo *conducting fellow* do Festival de Tanglewood e maestro assistente da Filarmónica dos Países Baixos. Fora dos palcos, ocupa o seu tempo com livros e ténis.

Eduarda Melo soprano

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do CNIPAL em Marselha. Foi galardoada com o 2.º prémio do Concurso Internacional de Canto de Toulouse.

Tem sido convidada para cantar em numerosos festivais europeus e já trabalhou com maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus e Antonello Allemandi, em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa). Neste âmbito, destacam-se os papéis de Soeur Constance (*Dialogues des Carmélites*), Euridice (*Orfeo ed Euridice*), Corinna (*Il Viaggio a Reims*), La princesse Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*Il Barbiere di Siviglia*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La Bohème*), Despina (*Così fan tutte*), Erste Dame (*Die Zauberflöte*), Zerlina (*Don Giovanni*), Dalinda (*Ariodante*), Rinaldo (*Armida* de Mysliveček), Stéphano (*Romeo et Juliette*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La Vie Parisienne*), Valencienne (*La Veuve Joyeuse*) e Elle (*La Voix humaine*).

Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble. Na temporada de 2022/2023, integrou o elenco de estreia das óperas *Paraíso*, de Nuno da Rocha (CCB), e *Three Lunar Seas*, de Joséphine Stephenson (Opéra Grand Avignon). Em 2024/2025, participa nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril com *Os Dias Levantados* de António Pinho Vargas. Destacam-se ainda a Quarta Sinfonia de Mahler na Casa da Música, o novo projeto da Mala Voadora *It's not over until the soprano dies* e o espetáculo comemorativo do bicentenário da Opéra Grand Avignon — *Les Folies Amoureuses* de Castil-Blaze.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos *Räsonanz*, apresentados pelo ciclo *Musica Viva* da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Emília Vanguelova
Evandra Gonçalves
Tünde Hadadi
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Jorman Torres
Alan Guimarães
Maria Kagan
Roumiana Badeva
José Despujols
Vladimir Grinman
Félix Duarte*
Maxence Mouriès*
Gonçalo Melo*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Mariana Costa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Paul Almond
Raquel Santos*
José Pedro Rocha*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Emília Alves
Hazel Veitch
Catarina Gonçalves*
Jean-Loup Lecomte
Teresa Fleming*
Alexandre Aguiar*
Cristiana Barreiro*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Michal Kiska
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Sharon Kinder
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Hans Stockhausen*
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Georges Pereira*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Luís Matos*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Sousa
Carolina Silva*
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
Sandro Andrade*
Daniel Araújo*

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Palco**

Amaro Machado
José Vilela

Próximos concertos

26.10 SÁBADO 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Riqueza da Diversidade da Música, Ritmos e Instrumentos Tradicionais Portugueses

serviço educativo | formar na casa*

Daniel Pereira Cristo formador

*para professores de música de todos os níveis de ensino, músicos e formadores

27.10 DOM 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

Quem Conta um Conto Acrescenta um Som

serviço educativo | primeiros concertos*

Óscar Rodrigues conceção artística e interpretação

Filipe Fernandes, João Diogo Leitão, Ricardo Vieira e Sofia Portugal interpretação

Miguel C. Tavares artes visuais

*famílias (crianças dos 3 meses aos 6 anos)

27.10 DOM 21:00 SALA SUGGIA

Ara Malikian World Tour

promotor: Lemon Ibéria Lda

29.10 TER 19:30 SALA 2

Quarteto de Cordas de Matosinhos

obras de **Dmitri Chostakovitch** e **Antonín Dvořák**

31.10 QUI 21:30 SALA SUGGIA

Glimmer: Rui Horta e Micro Audio Waves

31.10 QUI 21:30 SALA 2

Daniel Pereira Cristo & Convidados – Malva Globo

promotor: AdS Arca dos Sons

31.10 QUI 21:30 CAFÉ

Nunca Mates o Mandarin

01.11 SEX 17:00 E 21:30 SALA 2

Maria João & André Mehmar

promotor: Misty Fest

02.11 SÁB 21:30 SALA 2

Nancy Vieira

promotor: Misty Fest

03.11 DOM 12:00 SALA SUGGIA

Banda Sinfónica Portuguesa

José Rafael Pascual Vilaplana direção musical

Raul da Costa piano

obras de **George Gershwin**

03.11 DOM 21:00 SALA SUGGIA

Jorge Drexler

promotor: lm.par

03.11 DOM 19:00 SALA 2

Future Jazz – 2.ª meia-final

serviço educativo | os nossos concertos

04.11 SEG 21:00 SALA 2

Future Rocks – 2.ª meia-final

serviço educativo | os nossos concertos

05.11 TER 19:30 SALA 2

Cassandra Cunha

prémio novos talentos Ageas

07.11 QUI 19:30 SALA 2

Prémio Jovens Músicos/Antena 2

vencedores da edição de 2023 | prémio novos talentos Ageas

Gonçalo Nova trombone

Daniel Bolba percussão

obras de **Eugen Reiche, Enrique Crespo, Stjepan Šulek, Carlos Alsina,**

Louis Andriessen, Kevin Volans e Daniel Bolba

À Volta do Barroco

8 a 17 novembro

As palavras contam sempre — de onde vêm, como foram e são interpretadas, como são escritas, usadas, transformadas em armas, proibidas ou banalizadas. Não se sabe ao certo a origem da palavra ‘barroco’, como nunca se sabe muito bem os caminhos que fazem as línguas quando o seu nomadismo é honrado e o erro é uma virtude — o erro da *errância*, claro está. O termo terá vindo da Península Ibérica, muito possivelmente de Portugal e através do árabe, onde designava uma pérola de forma irregular. O ‘barroco’, enquanto termo que serve para designar o período das artes que compreende o século XVII e metade do século XVIII, estava longe de ser conhecido pelos artistas da época. Na verdade, nas suas primeiras aparições foi usado de modo pejorativo: em 1750, um prestigiado viajante chamado Charles de Brosses lamentava que a fachada do palácio Pamphili, em Roma, tivesse sido reconstruída com ornamentação “mais própria para talheres”, e chamou-lhe precisamente “baroque”. Excesso de ornamentação, complexidade, voltas e reviravoltas decorativas que incomodavam alguns, mas fascinaram muitos outros. E se é certo que serviu para a recuperação criativa de edifícios medievais, que hoje consideraríamos historicamente abusiva, acrescentou maravilhas às várias artes que ainda hoje podemos apreciar. Por exemplo, na Sé do Porto fez-se o retábulo da capela-mor; nas igrejas de Santa Clara, da Ordem Terceira ou de Santo Ildefonso, encontramos uma grande riqueza em talha dourada e azulejos do século XVIII; para não falar na Igreja e Torre dos Clérigos, obra-prima de Nicolau Nasoni, e isto sem sair do Porto.

Alguns dos maiores centros musicais daquela época encontravam-se na Península

Itálica, e foi precisamente aí que despontou o Barroco nas várias artes, em cidades como Roma, Veneza e Nápoles. Numa altura em que o nosso país beneficiava dos lucros da expansão marítima, o rei D. João V investiu na italinização da Sé Patriarcal e da Capela Real, com o envio de bolseiros a Itália e a contratação intensiva de prestigiados músicos italianos. Um deles foi Domenico Scarlatti, que em Portugal escreveu muitas das suas sonatas para teclado, e que teve contacto com Carlos Seixas, organista e compositor português que se tornou notável no meio musical de Lisboa. E é por isso que, nesta edição do festival *À Volta do Barroco*, a nossa orquestra dedicada à ‘interpretação historicamente informada’ de música antiga se volta para a obra destes dois grandes compositores. O convidado especial é o maestro e cravista Andreas Staier, um dos intérpretes mais aclamados de Scarlatti. Uma oportunidade imperdível para ouvir a excelente prestação da Orquestra Barroca Casa da Música, com um repertório brilhante que já foi gravado junto de Staier no disco *À Portuguesa*.

Há outras vertentes que nunca são esquecidas neste festival e lhe dão uma personalidade muito especial. Em primeiro lugar, a originalidade do Barroco será sempre mais bem entendida quando confrontada com o antes e o depois. Daí as pontes com a polifonia renascentista portuguesa — o antes —, esse repertório magnífico que o Coro Casa da Música nos propõe apreciar no último concerto deste festival. Considerado o pai da sinfonia, Haydn — o depois — está presente num programa da Orquestra Sinfónica com a sua *Sinfonia Fúnebre*. Não é aleatória a escolha desta obra, marcada pelas linhas claras e formas perfeitas que caracterizam os clássicos vienenses. Na verdade, foi uma das grandes inspirações do português João Domingos Bomtempo para a composição

do seu *Libera Me*, incluído no mesmo concerto. Para a mesma noite de sexta-feira, dia 8, convidamos o acordeonista João Barradas, Artista em Associação da temporada, para provar em palco que a música de Johann Sebastian Bach é realmente um tesouro universal, com amplas possibilidades para se reinventar três séculos depois da sua criação. Nas mãos hábeis de um solista de dimensão mundial, o Concerto em Ré menor BWV 1052 é uma maravilhosa surpresa.

E não podíamos deixar de falar da outra vertente do festival: as pontes com o presente, a nova música que nasce ainda como resultado das inovações do Barroco. O *concerto* como obra musical que confronta solistas e um conjunto orquestral permanece um meio de expressão favorito dos compositores, o que fica patente com a música trazida pelo Remix Ensemble, em que são solistas a flauta (por Stephanie Wagner), o piano (por Jonathan Ayerst) e o violino (por Carolin Widmann), em partituras recentes de Luca Francesconi, Philippe Manoury e Kaija Saariaho.

A viagem no tempo começa no dia 8 e estende-se até ao dia 17 do próximo mês. Reserve já o seu lugar para mais uma edição do festival *À Volta do Barroco*.

08.11 SEX 21:30 SALA SUGGIA

Libera me

Orquestra Sinfónica & Coro Casa da Música

Douglas Boyd direção musical

João Barradas acordeão

obras de **J. Haydn, J. S. Bach** e

J. D. Bomtempo

10.11 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Alla portuguesa

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Stephanie Wagner flauta

obras de **Luca Francesconi**

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier cravo e direção musical

obras de **W. Corbett, C. Seixas** e **D. Scarlatti**

12.11 TER 19:30 SALA SUGGIA

Heranças do Barroco

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier cravo e direção musical

obras de **C. Avison, D. Scarlatti** e **L. Boccherini**

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Jonathan Ayerst piano

Carolin Widmann violino

obras de **P. Manoury** e **K. Saariaho**

17.11 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Portugal a cantar

Coro Casa da Música

Nils Schweckendiek direção musical

obras de **Duarte Lobo, Ângela da Ponte,**

Pero de Gamboa, Carlos Seixas, Pedro de

Cristo, João Lourenço Rebelo, Luís Tinoco,

Diogo Dias Melgás, António Chagas Rosa e

Francisco António de Almeida

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

